

# 100 ANOS DE PESSOA

# O DIA EM QUE O POETA NASCEU

**T**OCAM os sinos da igreja dos Mártires. É dia de Santo António. Lisboa, 13 de Junho de 1888. Marquei encontro com Carlos da Maia e João da Ega no Largo do Loreto. Há mais de um ano que os dois amigos se reencontraram na capital, depois de Carlos ter viajado pelas sete paridas do Mundo para tentar esquecer a sua história terrível e incestuosa com Maria Eduarda.

Aí vêm eles, de mais uma almogarda no Hotel Bragança, ali na Rua do Ferragial de Cima. Avançam pelo Tesouro Velho, de braço dado, charu-

tos acesos. Vou ao seu encontro. Para Carlos a cidade é a mesma Lisboa de há dez anos, quando a deixou para viajar pelo estrangeiro, a esquecer dramas. Diz-me: «Repáre — nada mudou. A mesma sentinela ronda em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendem nas portas das duas igrejas. O Hotel Aliança conserva o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo sol doura o lajedo; batedores de chapéu à faixa fugitam as píllicas; três varinas, de canastra à cabeça, meneiam os quadris, for-

tes e ágeis. Naquela esquina, vadios em farrapos fumam; e na esquina defronte, na Havanza, fumam também outros vadios, de sobrecasacas, polticoando.» E Carlinhos exclama: «Isto é horrível, quando se vem de fora!» Acrescenta: «Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!...» João da Ega repon-ta: «Todavia, Lisboa faz diferença.» E, muito sério: «Oh, faz muita diferença! Você há-de ver a Avenida...» Mas eu não estou ali para grandes tiradas, à Eça de Queirós. Pretendo que eles vão comigo até ao Largo de São Carlos onde quero saber novas do que se passa no quarto andar, esquerdo, do n.º 4, onde D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira deve estar a dar à luz. Quero que Carlos da Maia me apresente ao médico. Pretendo que o João da Ega tente chegar à fala com uma das criadas da casa, a Joana ou a Emília.

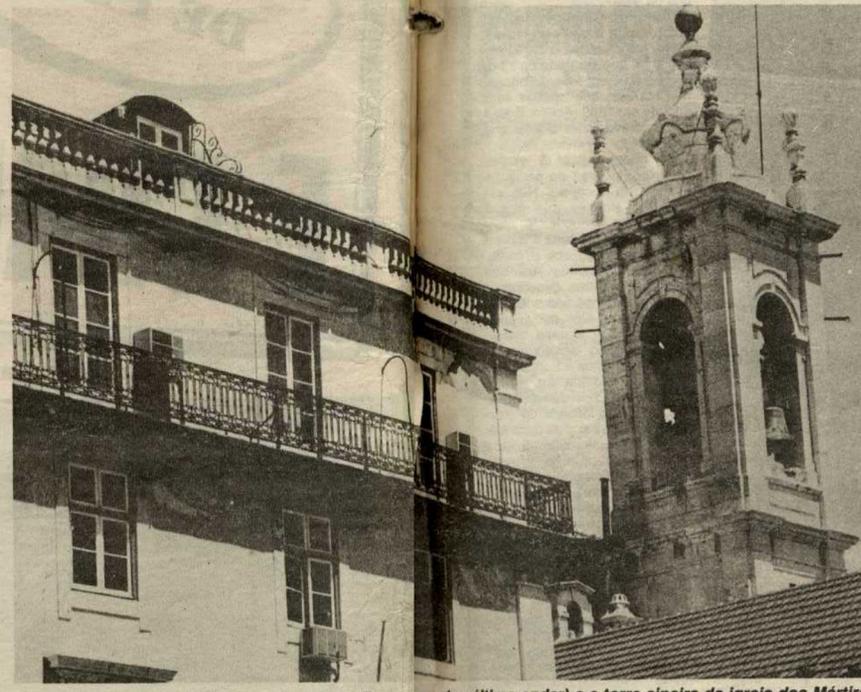
Fomos então descendo o Chiado. Do outro lado, como o Ega me faz reparar, os toldos das lojas estendiam no chão uma sombra forte e dentada. E Carlos reconhecia, encostado às mesmas portas, sujeitos que lá deixara havia dez anos, já assim encostados, já assim melancólicos. Mas lá estacionavam ainda, apagados e murchos, rente das mesmas ombreiras, com colarinhos à moda.

Diante da Bertrand Carlos ainda cumprimentou o Dâmaso Salcede, com quem em tempos outros esteve para se bater em duelo por causa de uma artighada infame num

pasquim chamado «Cometa do Diabo», do Palma Cavallão. Insisti com ele — havia pressa. Já passava das três da tarde. O parto podia acontecer a qualquer momento. Cortámos então pela Rua de S. Francisco e não tardámos em chegar frente ao n.º 4 do Largo de S. Carlos. Eu apresentara-me aos dois amigos como correspondente de um jornal estrangeiro. Disse-lhes que era importante, não só em termos de «high-life», saber todos os pormenores sobre todos os factos que iriam rodear a criança que nessa tarde ia nascer. Falei-lhes mesmo nas trovas do Bandarra, na volta de el-rei Sebastião, na necessidade que tinha de saber tudo sobre a família que ali mora para poder depois consultar um astrólogo, talvez mesmo a mulher de virtude do Poço dos Negros ou a inculcadora Vitória da Calçada do Carmo, para outros encontros, outras hipóteses jornalísticas.

Levaram-me a sério. Ainda bem. Já o mesmo britânico em almoço de ontem com Fradique Mendes que, sem dizer nada a Eça de Queirós, agora preocupado com a sua colocação diplomática com cônsul em Paris, não chegou a saber que, em Junho de 88, ele visitou, quase incógnito, Lisboa. Ficou na casa de hóspedes onde vive habitualmente o seu primo Procópio, num terceiro andar da Rua da Palha.

Foi Fradique Mendes quem me indicou o nome do astrólogo Baldaya, durante um almoço numa taberna da Mouraria, diante de um prato complica-



A casa do Largo de S. Carlos onde nasceu Fernando Pessoa (no último andar) e a torre sineira da Igreja dos Mártires

do e profundo de bacalhau, pimentos e grão-de-bico. Para o gozar com coerência Fradique despiu a sobrecasaca. E como eu avançava ideias complicadas sobre esoterismo, ocultismo e sebastianismo, ao atacarmos o pletiu sem igual, Fradique, que já

me tinha dado o nome de astrólogo e a morada, falou com paixão: «Não ideias. Deixe-me saber esta bacalhoad, em p inocência de espírito, certo tempo do senhor D. J. antes da Democracia Crítica!»

Mas, agora, eis que sai do n.º 4 do Largo de S. Carlos, um sujeitoinho baixote, de óculos, obeso, transportando numa das mãos, na outra a bengala e as luvas, a inconfundível maleta de médico. Pareceu-me reconhecer o dr. Korth. Carlos, médico tam-

ém, avançou ao seu encontro. Falaram durante algum tempo, em voz baixa, e já os sinos da igreja dos Mártires voltaram a tocar.

João da Ega foi-me entretanto dizendo que é amigo do dono da casa, Joaquim de Seabra Pessoa, filho de um

militar do exército liberal, que lutou, no Algarve, contra as guerrilhas miguelistas do Remexido; bisneto de um cristão-novo que a Inquisição mandou queimar, em 1706, em Coimbra. Conta-me que é um excelente rapaz de 38 anos, funcionário na Direcção-Geral da Contabilidade Pública no Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, à noite jornalista e crítico musical no «Diário de Notícias», apaixonado por Wagner e por tudo o que é ópera, incluindo as cantoras líricas, como a Baresi. «Mas, coitado!, é um sujeito doente. Dizem que a tuberculose já o mina!» — confidencia-me Ega.

João da Ega disse-me também que a parturiente, D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira, agora com 26 anos, nasceu na ilha Terceira, nos Açores, filha de um juiz-conselheiro, Luís António Nogueira, e de uma açoriana, do ramo ilhéu dos Silvanos. D. Madalena teve educação esmerada: frequentou o colégio britânico de Miss Calif, à Rua do Alecrim, e teve como professor de língua inglesa o próprio preceptor dos príncipes Carlos e Afonso. Em solteira escrevia os seus versinhos.

Carlos, entretanto, já acabou de falar com o doutor (acabei por não saber se era ou não o dr. Korth): «É um menino e vão pôr-lhe o nome de Fernando. Como hoje é dia de Santo António será também António.» Com os meus botões pensei: «Não há dúvida. Trata-se de Fernando António Nogueira Pessoa.»

E contou depois que a criança nascera às três e vinte

da tarde e que tinha corrido tudo bem. Uma excepção: um ataque mais forte de loucura da avó paterna Dionísia, que vive nesta casa. A velha, em estado de transe, avançou para a alcova onde a nora tinha dado à luz, e debruçou-se sobre o berço onde estava a criancinha, com os olhos revirados, a boca meio desdentada, ruminando palavras indistintas. O médico, contudo, apercebeu-se que ela falava do Bandarra e de D. Sebastião e, depois, num clamor histérico, gritou: «Anticristo! Anticristo!»

Carlos da Maia diz a João da Ega: «O menino, tu é que tens jeito para essas coisas. Sobe ao 4.º andar e vê-se conseqües que uma das criadas venha cá abaixo falar com o senhor jornalista, para o caso de ele precisar de saber mais histórias. Lembra-te que temos ainda que ir ao Ramalhete. Está lá o Vilaça à nossa espera. Despacha-te! Eu vou procurar um galego para nos arranjar transporte.»

Eu concordei. Marcámos encontro, para um dos próximos dias, para um jantarinho a sério no Bragança. «Esta vez — que ferro! — não me vou esquecer de encomendar um grande prato de paio com ervilhas. E, para abrir, umas ostras regadas a chablis» — disse-me Carlos, em despedida, indo à procura de uma tipóia. Ega subiu já as escadas. Os sinos da igreja dos Mártires voltaram a tocar, como se estivéssemos numa aldeia. No silêncio que depois se fez pareceu-me ouvir, cada vez mais forte, o choro de uma criança.

EGC



Uma fotografia do pai do poeta, Joaquim de Seabra Pessoa, para o álbum de família

## Comício & Festas

A hora a que Fernando Pessoa nasce, e dava os primeiros berros, terminava na Quinta do Ferreira, ao Rato, um comício antijesuítico dos estudantes de Lisboa. Com início marcado para a 1 da tarde, o comício, que esteve animadíssimo, chegou a juntar cerca de mil e quinhentos académicos das escolas da capital.

A reunião foi presidida por Agostinho Fortes, tendo por secretários os seus colegas Alfredo Lopes Figueiredo e Tito Pagan. Todos eles, bem como António Quental Calheiros e António França Borges, exaltaram os estudantes de fora de Lisboa a que, durante as férias, façam uma grande propaganda antijesuítica nas terras das suas naturalidades, para obrigar o Governo a fazer cumprir e respeitar as leis do Marquês de Pombal, de Joaquim António de Aguiar e da Carta Constitucional. A sessão foi levantada aos gritos de «Viva a Liberdade!»; «Viva a emancipação da consciencial!»; «Abaixo os jesuítas!».

A noite foi a vez de se festejar o Santo António, o que já tinha acontecido de véspera, com descantes e queima de alcachofras. Na capital houve festa rija no Clube Nacional, a S. Pedro de Alcântara, com baile campestre; no Clube Popular, da rua Nova da Alegria, com fanfara; na Flor da Pena; no Jardim Terpsichore, na rua da Conceição (à Praça das Flores), com uma banda marcial; na Academia A Feniada, na calçada do Jogo da Péla; no Teatro Taborda; na Academia Recreativa 20 de Maio, na Travessa do Combro, à Lapa, com a actuação de um grupo de amadores bandolinistas.

Quem não quis ir aos bailes teve diversos espectáculos. No Trindade, às oito e meia, «A Cigarra»; no Coliseu, às oito e três quartos, a ópera-buía «A Grã Duquesa de Gerolstein»; no Avenida, também às oito e três quartos, repetição da festa pela abolição da escravatura no Brasil; no Príncipe Real, a meios preços para todo o público, última sessão de «A Expulsão dos Jesuítas».

E pode dizer-se que a noite de Santo António se passou pacatamente e com placidez, dando pouco trabalho à Polícia. A Praça da Figueira, que noutros tempos dava largo assuro para os noticiários, apenas lhes deu uma meia dúzia de desordens, em que se trocaram alguns socos e bengaladas, de que não resultou, felizmente, um ferimento de vulto; algumas desobediências e dois ou três ébrios que tiveram de pernoitar nos calabouços policiais.

EGC

## O ASTRÓLOGO BALDAYA

**F**RADIQUE Mendes indicou-me Raphael Baldaya como homem competente para fazer o horóscopo do menino que nasceu no 4.º esquerdo do n.º 4 do Largo de S. Carlos — Fernando de seu nome; Pessoa, da parte do pai.

Não foi fácil encontrar o seu poiso. Pela Rua Almirante Barroso, ali à Estefânia, procurei, sem dar por nada. Até que uma sopeirita gorda e risonha me disse que no n.º 12, onde existe um pequeno armazém, pronto para trespassar, mora, por empréstimo, um sujeitoinho de óculos, magro, para ali com uns 25 ou 26 anos, de bigodinho fino, sempre de chapéu de feltro na cabeça, que se dá muito à bebida e é tratado como bruxo pela garotada da zona. O armazém, disse-me a rapariga, anda há muito a ser cobigado por uns alentejanos de apelido Sengo que ali querem montar negócio para deixarem a aldeia do sul e se fixarem em Lisboa.

Bati à porta. «Entre!», dizem-me de dentro. E ali está o famoso astrólogo Raphael Baldaya. Nestas coisas não gosto muito de conversa. Tenho um certo receio. Assim, logo disse ao que vinha. Face às indicações da hora do nascimento da criança, e depois de algumas contas, Baldaya revelou-me que o menino Fernando é Gémeos, com ascendente em Escorpião. Pedi-lhe para me fazer um horóscopo.

«Breve resumo são 500 réis; horóscopo detalhado são cinco mil réis, e se pretendo uma leitura detalhada, da vida e da sorte, terá de pagar dois mil e quinhentos réis» — advertiu-me Baldaya. «Breve resumo», digo-lhe eu, impressionado com os seus olhinhos penetrantes que pareciam faltar por detrás dos óculos redondos graduados. E logo se combinou a hora a que iria buscar o trabalho.

E pronto, aqui o público, com o respeito integral pela grafia do astrólogo, com algumas siglas que não me atrevi a perguntar o que significavam. Transcreva-se, então:

«A Aflicção da Lua por Saturno é um dos piores aspectos que há, 1.º, porque é a aflicção de dois astros de índole em certos pontos semelhante (aqui, no caso da Lua e Saturno, a depressão, a timidez, a melancolia, o atrazo/na/vida). Claro está que, os maus aspectos de Saturno para com a Lua, a conjunção, sendo um dos mais fortes, é dos menos maléficis em fim de contas; a conjunção da Lua e de Saturno implica, com efeito, um enorme atrazo, uma grande depressão, na vida; mas não implica que, passado que seja esse atrazo, sobrevenha, no fim, um desastre.

A conjunção de Saturno com qualquer astro, ou o seu mau aspecto com elle, atraza até ao primeiro trânsito de S. por S (cerca

de 30 annos) as promessas que estejam indicadas pela e bons aspectos d'esse astro. Mas aos 45 annos (app), si S passa em opposição, sobrevem uma perda dos beneficiários, ou um maleficio qualquer nesse ponto.

Com Marte dá-se o desvio por perturbação, por exde actividade, por dispersão activa.

S. contrahê de mais, aperta excessivamente; Marte de em excesso, desaperta demais.

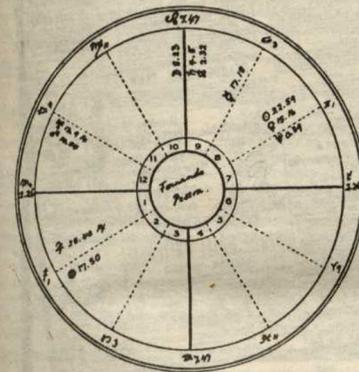
No que respeita aos maus aspectos de astros outros dois maléficis, não nos enganaremos se tivermos sempre, que todo o astro feminino afflige segundo Saturno, e tootro masculino segundo Marte.

Assim, uma quadratura de Vénus, da Lua, ou de Meram signo feminino (M., sendo neutro, tira a sua qualidade do que occupa) assemelha-se, no género de acção, a um mau asde Saturno, e na qualidade da acção e que mostra a natu dos planetas aspectantes. Por outra, uma quadratura ou oppo e Sol, ou de Júpiter, ou Mercúrio em signo masculino, tomando o carácter do planeta aspectante, o rumo genérico da de Marte.

Suponha-se Mercúrio na nona casa, em Câncer, em oia com Marte em Balança na duodécima, significador dos intellectuaes, atacando Marte na duodécima, significador dos e desgostos, portanto: reult que a acção intellectual do n atrazada por desgostos intensos (12.ª casa), dispersiv produzidos por suas relações com o meio em que vive. Será atrazada, não mal distribuída, porque Mercúrio está no feminino. Há dispersão no caso de que se trata, mas essê de Marte, não de Neptuno: o phenomeno essencial é to; coincidente e provador a dispersão interior.

Assim, no horóscopo literário de que se trata, tema demora na produção de trabalhos intellectuaes; se a influa quadratura fosse marcial, pela posição de Mercúrio eno masculino, teríamos uma excessiva dispersão manifestada e publicações de mais, em géneros de mais para serem per.

Acção intellectual (M. na 9.ª), intensa (asp. de Marte), da (quadr. de Merc. feminino) por desgostos, arrielas e perd.) provocadas pelo próprio individuo (Marte regente), nas relações com o meio em que vive (Balança), e a sua incapade lutar com esse meio (Marte débil).



**Destinações:**  
 ♃ - S. 4.35  
 ♄ - S. 6.6  
 ♅ - N. 18.03  
 ♆ - N. 18.07  
 ♁ - N. 18.81  
 ♃ - N. 18.81  
 ♄ - N. 22.21  
 ♅ - N. 22.9  
 ♆ - N. 22.15

**Aspectos & MC:**  
 ♃ ♄ ♁ (L+M)  
 ♄ ♃ (L+M)  
 ♅ ♁ (L+M)  
 ♆ ♃ (L+M) ♁ (L+M) ♁ (L+M)  
 ♃ ♁ (L+M) ♁ (L+M) ♁ (L+M)

Horóscopo de Fernando Pessoa



A avó paterna, Dionísia Estrela Seabra, que morreu doída em casa da família, na Rua da Bela Vista à Lapa

## Absinto

**U**M despacho da agência Havas: «Apresentou-se há dias a um comissário da Polícia de Paris um sujeito dizendo-se autor das notas falsas apresentadas ao Banco de França.

O declarante era um doido fugido de Ville Evrard. Foram-lhe encontrados dois livros de lembranças. Num deles estavam indicadas as vezes de absinto que havia bebido e que se são trezentas e oitenta e sete mil setecentas e vinte e duas! No outro uma lista das suas conquistas femininas, que pela quantidade, senão pela qualidade, fariam inveja ao próprio D. Juan.»

EGC

## Ave de rapina

**N**O «Diário de Notícias», de 14 de Junho de 1888, este saboroso «fait divers»:

«Era uma perfeita ave de rapina. E se não lhe acodem a tempo não sabemos onde iria parar nas suas proezas. Um criado que o sr. João Gagliardi teve ao seu serviço, e que se despediu há poucos dias, lembrou-se de andar por quase todos os estabelecimentos da rua da Escola Politécnica a pedir géneros em nome daquele cavalheiro.

Por esta forma abriu conta na mercearia do sr. Coelho, na quantia de 4 mil réis; no bazar do sr. Martins de Almeida, 7 mil e 500 réis; na mercearia da esquina da rua de S. Marçal, 4 mil e 500 réis; no restaurante da rua de D. Pedro V, uma porção de pastéis; ao correio da rua do Alecrim mandou buscar um freio, e a casa do sr. Alfredo Anjos, uma guitarra, e quem sabe se existirão ainda proezas de igual força que se ignorem porque, ao que parecia, o meliante pedia a toda a gente, não esquecendo até a farmácia Pinho e a tabacaria do sr. Ziferino, na rua da Imprensa Nacional. A polícia porém pôs termo a este viver à custa alheia, prendendo o larpiço que confessou as gatunices e que vai ser enviado para juízo.»



Em 1888 um dos adversários políticos de Louise Michel tentou assassiná-la durante uma reunião pública no Havre

## BENGALADAS ANARQUISTAS

**N**ESTA Lisboa de 1888 está agora a ser julgado em Tribunal um caso que tem feito correr muita tinta nos periódicos e é motivo de conversa em todos os meios sociais.

É réu Manuel Joaquim Pinto, ex-cabo de Infantaria 5, professor do ensino livre e correspondente na capital do jornal anarquista «Revolução Social», publicado no Porto. É acusado de ter dado umas bengaladas no escritor e deputado Pinheiro Chagas.

A história tem antecedentes. Vamos ao resumo. O jornal lisboeta «O Repórter» publicou no seu n.º 25 um violento artigo de Pinheiro Chagas contra a escritora e revolucionária francesa Louise Michel, participante da Comuna de Paris. Afirmava o articulista: «Louise Michel pode declarar à sua vontade e chamar o povo à revolta, com a condição de que o primeiro «gendarme» que aparecer há-de ter o direito de recompensar as suas declarações com dois pontapés, «vous savez où», como faria a qualquer mellante macho que se achasse nas mesmas condições». E foi nestes termos que Pinheiro Chagas continuou a sua virulenta crónica.

A réplica não se fez esperar. O jornal anarquista «Revolução Social» saiu em defesa de Louise Michel e concluiu assim um artigo, comentando as prosas no «Repórter» do escritor e deputado português: «Pois bem, nós no mesmo uso dos mesmos direitos que assistem ao sr. Manuel Pinheiro Chagas, não lhe oferecemos um pontapé, mas denunciarmo-lo à vingança popular para que ela saiba cumprir a sua vontade.»

Ora, essa tal «vingança popular» acabou por ser executada pelo braço armado de Manuel Pinto. Encontrando Pinheiro Chagas, quando este subia para um americano no Rossio, subiu também para o carro, acompanhando-o até ao Largo das Cortes. Ali chegados apertaram-se, e Manuel Pinto, tomando a dianteira ao adversário, jogou-lhe umas pancadas com uma bengala de ferro, derrubando-o.

Neste caso são também acusados como cúmplices Albino Gomes de Moraes e Manuel José Martins Vaqueiro que, enquanto Manuel Pinto dava as bengaladas em Pinheiro Chagas, distribuíam aos outros passageiros do americano, e a quem estava no Largo das Cortes, exemplares do jornal anarquista «Revolução Social».

EGC